

O CORDEL COMO POSSIBILIDADE DE (RE) CONHECIMENTO DA IDENTIDADE NO SUJEITO NORDESTINO: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Evylaine Matias Veloso Ferreira Santos; Linduarte Pereira Rodrigues
Orientador: Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba,
evyllainemvf@hotmail.com; linduarte.rodrigues@bol.com

Resumo: O conceito de identidade é pesquisado e debatido como construção que remete aos princípios de convivência humana, principalmente se referindo às noções do eu em relação ao outro. Este eixo – eu e o outro – retrata uma premissa clássica da formação de convivência, de busca ao reconhecimento do eu e do conhecimento do outro, estabelecendo o princípio de comunicação e interação entre os sujeitos falantes. A escola, como instituição de ensino, também traz o princípio de convivência e de conhecimento associado ao eu e o outro. Tendo tais afirmações como ponto de partida, este trabalho tem como objetivo geral discutir a importância da identidade na escola, utilizando o gênero cordel e sua respectiva função como elemento de reconhecimento identitário na escola pelos alunos. Para tal, utilizamos os pressupostos teóricos de Charaudeau (2015), Bauman (2010) e Martino (2010), sobre as perspectivas conceituais de identidade, Rodrigues (2006; 2011; 2016) e Albuquerque Júnior (2011), falando sobre o gênero cordel, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e Demo (2005), sobre as questões de educação e interdisciplinaridade. Utilizamos a metodologia de cunho qualitativo, caracterizada como uma pesquisa bibliográfica que busca trazer uma proposta interdisciplinar. Esta proposta interdisciplinar visa, portanto, demonstrar o desenvolvimento de trabalhos que utilizem o conceito de identidade atrelada ao gênero cordel, podendo ser expandido em diversos componentes curriculares, caracterizando a perspectiva interdisciplinar. A proposta resulta em desenvolvimento de projetos, planos de aula, construção de materiais pelo professor e pelos alunos a fim de ressaltar o reconhecimento do aluno residente da Região Nordeste como um sujeito nordestino, mediando o gênero cordel ao caráter identitário formado pelas características sociais, culturais e históricas.

Palavras-chave: Cordel, Identidade, Proposta Interdisciplinar, Sujeito Nordestino.

1. INTRODUÇÃO

Os estudos da identidade, a partir de instituições sociais que envolvem os mecanismos sociais, culturais, discursivos, entre outras regiões de discussão, são amplamente discutidos e situados em pesquisas que envolvem o trabalho com diversos tipos de pesquisas em múltiplas áreas de conhecimento.

A identidade é vista, dessa forma, como uma construção social que envolve, principalmente, a noção binária do eu e do outro, a noção política da identidade na sociedade e a questão do conhecimento e reconhecimento das pessoas dentro de uma

identidade construída, como dito antes, pela sociedade, e também por si, através do outro.

A identidade, na perspectiva escolar, deve ser vista como uma oportunidade de trabalho que apresente diálogos, discussões e a construir, nestes momentos, conflitos que devam abranger a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, através de diversos pontos estratégicos de estudos.

Neste artigo, iremos apresentar uma proposta interdisciplinar que possibilita o desenvolvimento do trabalho com as questões de identidade na escola a partir de um gênero que permite um diálogo inter e multidisciplinar: o cordel. Procuramos obter discussões e possíveis respostas ao questionamento norteador que busca saber de que maneira a linguagem identitária dos cordéis pode ser utilizada como recurso metodológico para reconhecimento da identidade dos/nos alunos. Para tal, nosso objetivo geral foi o de *discutir a importância da identidade na escola, utilizando o gênero cordel e sua respectiva função como elemento de reconhecimento identitário na escola pelos alunos*; procurando ainda apresentar recursos metodológicos nos quais podem ser colocados o cordel como ferramenta interdisciplinar, além de refletir sobre a função da identidade na escola, em ponto de acordo com a constituição identitária do sujeito nordestino, oportunizando discussões e reflexões de questões sobre conceitos linguísticos, sociais e educacionais.

A metodologia foi de cunho qualitativo, com caráter bibliográfico, tendo como ponto de análise uma discussão para a construção de uma proposta interdisciplinar que visa apresentar projetos, materiais próprios construídos pelo professor, além de outros pontos que busquem o trabalho com o conceito de identidade. A pesquisa bibliográfica foi baseada em Charaudeau (2015), Eagleton (2010) e Bauman (2010), sobre as conceituações e relações sociais, culturais e históricas de identidade; Rodrigues (2006; 2011; 2016) e Albuquerque Júnior (2011) apontando sobre os conceitos teóricos de sujeito nordestino e o gênero cordel; e Schneuwly e Dolz (2004) referente às questões estratégicas do trabalho docente.

Visamos, portanto, trazer um debate sobre o trabalho com o conceito de identidade na escola, que poucas vezes é trabalhado, mas que possui grande relevância. Na proposta, o acréscimo do gênero cordel, um gênero popular e de grande influência na Região Nordeste, por suas características marcantes, coloca uma pretensão diversificada no trabalho deste conceito (de identidade) na escola, propondo um

trabalho interdisciplinar, visto atualmente como um importante mecanismo de formação docente.

2. IDENTIDADE: CULTURA, SUJEITO E ESCOLA

A formação social de um sujeito é constituída por questões que envolvem, primordialmente, as noções de cultura. Cabe, primeiramente, diferenciar sujeito de indivíduo – indivíduo, um ser biológico, natural, e sujeito, um ser social, que possui ideologia(s), que é construído e se constrói através de suas práticas que, por sua vez, são colocadas em viés de discurso (PÊCHEUX, 1988). Um sujeito é, portanto, um ser social que possui suas ideologias e, conseqüentemente, manifestações culturais arraigadas e agarradas ao seu pensamento.

O termo *cultura*, como dito por Eagleton (2010, p. 18), vem do campo semântico de natureza, aquilo que se cultiva, do campo. Porém, este conceito é paradoxal ao que é apresentado na sociedade em geral: as pessoas que são ditas “com cultura” não são das áreas rurais, mas ao contrário, são pessoas da zona urbana, da civilização, nomeadas como “pessoas cultas”. Com viradas de pensamento (principalmente sobre o abandono da ideia de que civilização é sinônimo de cultura), o conceito de cultura foi recolocado por Bauman (2014, p. 18) como algo que abrange o ideal de universalismo – somos, segundo o autor, unívocos, ou seja, consumimos as culturas classificadas como “de elite” e “de massa”, após os processos de globalização e de movimentos sociais, de luta e de deslocamento de sentidos. A cultura, como apresentado por Eagleton (2010, p. 33), em seu caráter político, também é ligado a dois eixos centrais: a ideia de nacionalismo e colonialismo. Percebe-se isto, principalmente, em manifestações culturais patriotas e de costumes sociais. Isto é transgredido aos sujeitos à medida que estes constroem sua identidade.

Como se trata de constituições de sujeitos, o conceito de identidade, como uma forma de linguagem, é também parte fundamental do conceito de cultura, uma vez que os sujeitos possuem uma identidade construída por sua influência cultural que possui características atreladas à sua história nacionalista e colonialista. A identidade, como sendo uma construção social, é baseada no coletivismo, apesar do termo se referir ao conceito de individual, de singularidade. É errôneo pensar, portanto, que a identidade é irreparável desde o nascimento de uma pessoa, criando-se um mito de identidades

completamente diferentes entre sujeitos. Para Charaudeau (2015, p. 15), “não há ato que realizemos, nem pensamento que exprimamos que não contenha o traço de nosso pertencimento à coletividade”. Dessa forma, é natural que a identidade seja construída através de manifestações culturais, formando a chamada Identidade Cultural.

A identidade é também formada, portanto, da oposição binária entre eu e o outro, em que o *eu* se constitui do outro para se reafirmar como eu e colocar-se de forma diferente. Martino (2010, p. 110) afirma que “as diversas histórias que delimitam o campo identitário frequentemente se contradizem, se alteram mutuamente, se interpelam e dialogam em uma complexa rede de discursos vinculados ao poder dos locais onde essas narrativas foram criadas”. Dessa forma, percebemos que a identidade é algo criado a partir de relações entre seres humanos/indivíduos/sujeitos em uma sociedade ou em um grupo social, acusando a perspectiva de pertencimento e, posteriormente, à criação de signos que acusam tal pertencimento. É, portanto, uma marca de grupo, ideológica, cultural e social que constitui a personalidade de um sujeito.

2.1. A Identidade na Escola

No campo da Educação Formal, nas escolas, é de grande importância a ressalva à formação da identidade no e do aluno, através de meios que reafirmam o traço de pertencimento a um determinado grupo social (família, amigos, classe socioeconômica, região geográfica, entre outros traços coletivos) e suas respectivas características. É muito comum, principalmente em dinâmicas de primeiro dia de aula no ano letivo, ocorrer o que chamamos de “Quem sou eu?”, em que o professor produz questionamentos de reflexão nos alunos a partir de seu conceito e marca que apenas parece ser pessoal, como colocado por Charaudeau anteriormente.

Em um mundo pós-moderno, ou de uma “modernidade líquida”, como se refere Bauman (2013), o espaço escolar tende a ser um desafio na formação da identidade dos alunos, por confrontar o espaço extraescolar dos alunos, através das múltiplas informações decorrentes do universo tecnológico e interpessoal dos alunos. Por isso, a escola precisa ser um espaço de interação e acolhida do universo que os alunos carregam/trazem consigo a fim de conciliar os saberes já adquiridos e os novos saberes.

Na escola, o trabalho com a identidade deve servir como desenvolvimento de autonomia e de auto-reconhecimento do aluno. Nesta pesquisa, não trataremos, pois, da

identidade da escola e do professor, que pode ser colocada construída através do Projeto Político-Pedagógico, aprovado na lei de número 9.394/96, nem de outros documentos referentes à construção da formação identitária na instituição escolar (de ordem privada e pública). Tratamos, assim, da importância da construção da identidade no aluno, através do gênero cordel, em que o aluno residente na Região Nordeste possa se reconhecer através de sua constituição vista no gênero cordel, como um sujeito nordestino. Segundo Rodrigues (2011), o sujeito nordestino interage e enxerga o mundo de forma peculiar, caracterizando uma identidade fortemente marcada/expressada nos escritos dos folhetos de cordel. Nessa perspectiva, é essencial desenvolver nos alunos o auto-reconhecimento de identidade como sujeito nordestino, auxiliando a escola a desenvolver planos e estratégias que visem à inserção deste conceito.

3. O CORDEL COMO ESTRATÉGIA EDUCACIONAL

O professor, como apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), tem a função de ser mediador no papel do ensino. Desse modo, é função da escola, em específico do professor, encontrar possibilidades de tornar o espaço escolar algo atrativo para os alunos e que os mesmos, obviamente em se tratando de sujeitos residentes da Região Nordeste, se reconheçam como sujeitos de uma identidade nordestina e como protagonistas do processo ensino-aprendizagem. Diante disso, destacamos que o estudo corrente propõe que a literatura de cordel seja utilizada como reconhecimento, pelo alunado da Educação Básica, da identidade nordestina, utilizada pelo professor como estratégia de ensino em componentes curriculares diversos.

A literatura de cordel no ambiente escolar favorece a interpretação e compreensão dos fenômenos sociais, históricos, políticos, além de possibilitar e direcionar os alunos à relevância da cultura nordestina – em pontos de vista regional e local – constituída pela significação dos folhetos. Contudo, a leitura intervém na construção da imaginação e do senso crítico dos alunos, através da relevância do trabalho docente com práticas de letramento que possuem como base a literatura de cordel, obtendo formas possíveis de legitimação de uma ação educativa de caráter reflexivo alcançada pela ação da palavra (RODRIGUES, 2016).

3.1. Interdisciplinaridade e Cordel

A interdisciplinaridade é uma forma de trabalho realizado para integrar outras fontes de saber necessários aos alunos/professores/escola que facilitam o trabalho docente e a compreensão dos alunos se procede por intermédios das múltiplas linguagens que cada disciplina dispõe. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), o trabalho interdisciplinar enriquece o conhecimento a partir das particularidades de cada saber:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados (BRASIL, 1998, p. 89).

O trabalho interdisciplinar como visto, objetiva-se na construção e compreensão de significados que contribuem para formação da identidade dos alunos. Para realização de um trabalho interdisciplinar é necessário elencar um eixo integrador, um tema central que oriente todo o trabalho. A partir dessa escolha, devem traçar os objetivos, os conteúdos, a metodologia e quais resultados esperam-se deste trabalho. De acordo com os PCN+ (BRASIL, 2002, p. 88 e 89), esse planejamento ocorre a partir de um plano de intervenção elegido pelos educadores em detrimento a realidade de cada espaço escolar:

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado (BRASIL, 2002, p. 88-89).

Em busca de um eixo integrador entre as disciplinas para realização de um trabalho interdisciplinar nas escolas, elegemos a literatura de cordel como oportunidade para o desenvolvimento de um trabalho que promove a valorização da cultura nordestina e sua influência na formação identitária dos alunos.

3.2 Cordel e Identidade

Entende-se a literatura de cordel uma forma estratégica de promover o ensino

cultural, sendo possibilidade abundante de trabalhar questões identitárias da região Nordeste, por ser fundamentada na diversidade cultural e plural dos nordestinos. A literatura de cordel é representada por vozes/escrituras que permeiam o imaginário coletivo da sociedade, que perpassam o tempo histórico e representam o cotidiano do sujeito nordestino. Conforme Albuquerque Júnior (2011), o cordel traduz as narrativas do imaginário coletivo e expressam as resistências de uma cultura e suas produções culturais:

O cordel fornece uma estrutura narrativa, uma linguagem e um código de valores que são incorporados, em vários momentos, na produção artística e cultural nordestina. Como a produção do cordel se exerce pela prática da variação e reatualização dos mesmos enunciados, imagens e temas, formas coletivas enraizadas numa prática produtiva e material coletiva, este se assemelha a um grande texto ou vasto intertexto, em que os modelos narrativos se reiteram e se imbricam e séries enunciativas remetem umas às outras. É, pois, este discurso do cordel um difusor e cristalizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste, residindo talvez nesta produção discursiva uma das causas da resistência e perenidade de dadas formulações acerca deste espaço. Esta produção popular funciona com o um repositório de imagens, enunciados e formas de expressão que serão agenciadas por outras produções culturais “eruditas” como a literatura, o teatro, o cinema etc. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 129).

O cordel está presente em tempos históricos distintos por suas (re) textualizações temáticas que traduzem o cotidiano nordestino, a fim de enunciar e informar em estrutura de narrativas sobre os mais variados acontecimentos culturais. Por traduzir o discurso dos nordestinos, os cordéis são documentos/registros formadores de uma identidade peculiar no Brasil, à identidade nordestina. Essa identidade nordestina é perceptível através do discurso que os folhetos exprimem, permitindo uma análise individual e coletiva do sujeito nordestino, atualizando as discussões sobre ideologias, que são necessárias ao contexto escolar, entre a práxis docente e os saberes do alunado (RODRIGUES, 2006).

4. O GÊNERO CORDEL COMO MEDIADOR DO RECONHECIMENTO DA IDENTIDADE DO SUJEITO NORDESTINO

Os folhetos de cordel como visto, possibilitam a auto autorreflexão e reconhecimento do sujeito nordestino, cabendo a escola, fortalecer essa reflexão e propiciar a discussão dessa temática, que assegura no papel do professor, o estímulo e a responsabilidade de promover este ensino/aprendizagem da cultura popular na escola.

4.1. Gêneros Pedagógicos e o papel do Professor na construção da Proposta

A literatura de cordel, gênero heterogêneo entre (escrita/oralidade) é fonte de uma discussão dialética entre a escola e a interdisciplinaridade. Para tanto, elencamos algumas possibilidades de desenvolver trabalho de caráter interdisciplinar na escola, em busca de favorecer e fortalecer os aspectos da identidade nordestina. Vejamos:

- ✓ Projeto didático;
- ✓ Sequência didática;
- ✓ Construção do material didático, etc.

O projeto didático, como estratégia de ensino, torna-se um trabalho de planejamento articulado entre o professor e a comunidade escolar. O propósito de desenvolver projetos interdisciplinares é o envolvimento dos alunos de forma compartilhada, em busca de amenizar o problema encontrado a partir de objetivos já traçados e, por fim, alcançar o produto final/desfecho do projeto de forma exitosa. Como o esclarece Nery (2007, p. 119),

Essa modalidade de organização do trabalho pedagógico prevê um produto final, com objetivos claros, dimensionamento no tempo, divisão de tarefas e, por fim, a avaliação final em função do que se pretendia. Tudo isso feito de forma compartilhada e com cada estudante tendo autonomia pessoal e responsabilidade coletiva para o desenvolvimento do projeto.

O trabalho desenvolvido a partir de um projeto didático fortalece as questões de autonomia dos alunos, intensificam as pesquisas sobre o assunto em foco, possibilita a organização do professor pesquisador, socializa e dialoga com os conteúdos de componentes curriculares distintos com a finalidade de contribuir para o conhecimento não apenas dos alunos, como também da comunidade escolar, através do envolvimento de tarefas que o trabalho com projetos proporciona.

Os projetos didáticos podem ser desenvolvidos a partir de um planejamento sequencial de aulas, também chamado de sequência didática, que configura a ordem cronológica e dialética de conteúdos selecionados pelo professor, visando uma conexão de saberes, utilizando-se de estratégias metodológicas diversificadas, elementos de motivação para o início de cada aula e avaliação contínua.

Conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82),

Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características: 1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores; 2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas.

Os diversos materiais confeccionados pelo professor (plano de aula, plano de ensino, atividades para os alunos, seleção de textos para leitura) a partir de um planejamento de atividade, metodologia, conteúdos, avaliação e cronograma, tem por objetivo desenvolver aulas voltadas a realidade de vida dos alunos, ou seja, tornar os conteúdos significativos, e não abstratos da realidade dos alunos. Assim, corrobora Demo (2005) que um dos desafios do professor pesquisador é fazer seu próprio material didático. Em seu entendimento:

Os desafios que se fazem presente na prática do professor pesquisador [são]:
1. (Re)construir o projeto pedagógico próprio. 2. (Re)construir textos científicos próprios. 3. (Re)fazer material didático próprio. 4. Inovar a prática didática. 5. Recuperar constantemente a competência (DEMO, 2005, p.38).

É notório que o papel do professor diante da sociedade atual é bastante desafiador, uma vez que seu trabalho como agente transformador de opiniões requer pesquisa constante sobre a realidade em que está inserido, com a finalidade de contribuir para um conflito transformador na vida dos alunos. Partindo dessa premissa, a práxis do professor deve partir de uma reflexão contínua a respeito de seu papel na sociedade. Com isto, espera-se que o professor busque outras fontes e estratégias de oportunizar as questões identitárias do sujeito nordestino, obtendo este trabalho/proposta de ensino, um estímulo ao pensar pedagógico.

4.2. A construção da Proposta

Utilizando os meios elencados acima, a construção da proposta visa empregar estes três gêneros didáticos que podem ser utilizados em ambientes de aula como método interdisciplinar através de folhetos de cordel.

Nossa proposta é colocada, portanto, da seguinte forma: o trabalho com a identidade deve surgir através de conceitos, atividades, debates e demais formas de

métodos de aprendizagem utilizados em sala de aula. A identidade, portanto, é o conceito piloto de nossa proposta. Visa-se, dessa forma, uma explicitação da necessidade do trabalho com a identidade na escola, colocando os alunos como conscientes de sua identidade, ou seja, promover os alunos a tornarem-se identificadores e críticos de sua personalidade, que será esboçada através de sua identidade. Como dito anteriormente por Charaudeau (2015), todos pertencemos a uma coletividade, a um grupo. Dessa forma, os alunos devem reconhecer a sua característica identitária principal no que se refere ao pertencimento ao lugar, à sua construção paisagística, à cultura, ao folclore, entre outros aspectos, levantando, nesta etapa, conhecimentos geográficos, por exemplo. É aí então que, através do trabalho com o gênero cordel, que a identidade do aluno deva se manifestar.

Através da leitura e compreensão de folhetos de cordel, que pode ser trabalhado em diversos temas, desde que atrelado ao conceito de identidade, que os alunos vão despertando para o reconhecimento de si como sujeito nordestino.

Como conceito inter e multidisciplinar, a identidade supõe, na escola, o intercruzamento de componentes curriculares, principalmente no que diz respeito à leitura do folheto de cordel. Este, como registro escrito das várias vozes nordestinas, serve como mediador da construção do trabalho sobre identidade.

Além de questões geográficas e de leitura de textos, vários outros conceitos que possam ser utilizados como dispositivos de componentes curriculares podem naturalmente e obviamente ser selecionados pelo professor, em que este também pode trabalhar em conjunto com outros professores.

Em suma, nossa proposta visa trabalhar o conceito de identidade através do gênero cordel. O professor possui, portanto, a possibilidade de trabalhar com a proposta metodológica citada acima para desenvolver melhor o seu trabalho, aliando a ampla capacidade pedagógica da linguagem do cordel com a identidade, como apresentado através do caráter inter e multidisciplinar.

CONCLUSÃO

O conceito de identidade atrelado à formação sociocultural é amplamente discutido em estudos de linguagem e relações com o mundo. No ambiente escolar, a identidade deve possuir um caráter de reconhecimento e de ressalva às formações dos

alunos, em diálogo com as possibilidades da convivência, da união e da educação, de um modo geral, ou seja, a função da identidade na escola, antes de um estudo de conceito e de uma atribuição a uma forma de conhecimento da linguagem, é sobretudo, de formação do conhecimento do eu através do outro e vice-versa, formando alunos que pensem na importância do outro, tocando também no princípio de alteridade.

Diante disso, o gênero cordel, como apresentado neste artigo, garante a possibilidade de conhecimento dialógico dos componentes curriculares do país, colocando a identidade não apenas como um conceito isolado, mas interdisciplinar.

É necessário, portanto, haver a criação e criatividade do professor acerca da construção de um material que possibilite a construção de tais propostas sugeridas aqui. O aluno, sendo o ponto central de construção do conhecimento, deve conhecer a sua identidade como um fator de auto-reconhecimento.

A proposta interdisciplinar contida neste artigo detém no aluno residente da Região Nordeste a possibilidade de reconhecimento de sua identidade através do gênero cordel, no qual pode-se trabalhar a diversidade de temas nos folhetos, uma vez que, apesar da identidade não possuir caráter único e exclusivo de cada pessoa, há a possibilidade de identificação por grupos sociais, fator que dialoga com os pressupostos colocados aqui.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental de Língua Portuguesa. Brasília: MEC, 1998.

_____. **PC+ Ensino Médio**: orientações educacionais complementares aos PCN na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Gláucia Proença & LIMBERTI, Rita Pacheco. **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas-SP: Autores Associados, 2005.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY,

Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

EAGLETON, Terry. A ideia de Cultura. Lisboa: Actividades Editoriais, 2010.

MARTINO, Luís Sá. **Comunicação & Identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

NERY, Alfredina. **Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: Uma possibilidade.** Brasília-DF, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.**

RODRIGUES, Linduarte Pereira. **O apocalipse na literatura de cordel: uma abordagem semiótica.** João Pessoa: UFPB, 2006. (Dissertação de mestrado)

_____. **Vozes do fim dos tempos: profecias em escrituras midiáticas.** João Pessoa: UFPB, 2011. (Tese de doutorado)

_____. Linduarte Pereira. Folhetos de cordel no ensino de língua materna: aspectos culturais e formação docente. **Revista do Gelne.** Natal, RN: 2016, p.140-167.